vetor negro

clive cussler
por graham brown

Tradução de José Remelhe

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Lista de Personagens

CHINA 1808

Zi Jun Chu — Proprietário de um junco de três mastros que vogava à bolina no mar da China Oriental.

Capitão da Embarcação de Jun

Ching Shih — Rainha pirata cuja frota dominava o mar da China Oriental em inícios do século XIX.

ÉPOCA PRESENTE

RATOS D'ÁGUA (GRUPO DE PIRATAS)

Lucas Teng (Teng Kung-Lu) — Líder do grupo de bandidos que se autoapelidam *Ratos d'Água*.

Vincent Uhr — Número dois dos *Ratos d'Água*.

Callum Zhen — Membro dos *Ratos d'Água*.

HONG KONG

Kinnard Emmerson — Expatriado britânico e líder de uma organização criminosa com base em Hong Kong.

Guānchá (o Vigilante) — Tenente de Emmerson e seu assassino de maior confiança.

Yan-Li — Historiadora naval e antiga especialista em mergulho do PRN, a sua disciplina académica de arqueologia subaquática.
Degra — Um dos líderes da CIPHER, uma famosa organização de cibercrime com base na China.

Ferret — Um dos *hackers* a trabalhar para a CIPHER.

AGÊNCIA NACIONAL MARINHA E SUBMARINA (NUMA)

Kurt Austin — Diretor da Equipa de Projetos Especiais, especialista na recuperação de bens afundados e entusiasta de barcos.

Joe Zavala — Assistente de Kurt e seu melhor amigo, piloto de helicópteros e génio da mecânica.

Rudi Gunn — Diretor-adjunto da NUMA, formado pela Academia Naval, coordena a maior parte das operações correntes da NUMA.

Hiram Yaeger — Diretor da Divisão de Tecnologia da NUMA, especialista no desenvolvimento e funcionamento dos computadores mais evoluídos.

Paul Trout — Geólogo principal da NUMA, formado pelo Scripps Institute.

Gamay Trout — Bióloga marinha principal da NUMA, também formada no Scripps.

Winterburn — Diretor executivo do iate *Sapphire* da NUMA.

Stratton — Engenheiro da NUMA, especializado no controlo de drones subaquáticos.

NAHA, OKINAWA — ESTAÇÃO METEOROLÓGICA DA MARINHA DOS EUA

Tenente Callie Baker — Especialista em sonares a trabalhar na Estação Meteorológica de Naha.
Capitão-Tenente Aaron Stewart — Oficial veterano na Estação de Naha.

WASHINGTON, D.C.

Anna Biel — Conselheira presidencial e diretora da Agência Nacional de Segurança.

Elliot Harner — Vice-diretor da CIA.

Contra-Almirante Marcus Wagner — Diretor de Inteligência Naval do Pacífico Ocidental.

Arthur Hicks — Comando Cibernético dos EUA.

TAIWAN ROC

Steven Wu — Agente de ligação da CIA em Taipé.

HYDRO-COM CORPORATION

Sunil Pradi — Fundador e CEO da Hydro-Com Corporation.

Sabrina Lang — Diretora de Segurança Digital na Hydro-Com Corporation.

Prólogo

O PAVILHÃO CARMESIM

Mar do Sul da China
Setembro de 1808

Jun Chu estava de pé no convés de um junco de três mastros batizado com o auspicioso nome de *Dragão de Seda.* A embarcação era digna de ser vista, com o casco verde-esmeralda, ornamentos dourados e velas tingidas de um resplandecente matiz laranja-sanguíneo.

O barco estava ancorado numa tranquila baía. Debaixo do casco, estendiam-se águas verde-azuladas, enquanto o íngreme cume de uma montanha se erguia numa ilha por detrás.

A montanha proporcionara-lhes alguma sombra durante a manhã, mas o Sol já ia alto e a temperatura subira. Se não fosse a brisa que soprava do Ocidente, o calor seria insuportável. Com a brisa, era possível detetar um cheiro sulfuroso, cuja origem Jun desconhecia, mas tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Tirou um telescópio de bronze de um estojo de cabedal. O bonito instrumento era lustroso e reluzia. Letras gravadas no estojo fizeram-no recordar que fora um presente da poderosa rainha pirata Ching Shih.

O capitão da embarcação abeirou-se dele.

— O que vedes?

Jun espreitou pela luneta e ficou com uma expressão carregada.

— Ao que parece, a nossa fuga de Macau não passou despercebida. Aproximam-se três barcos.

— Esta é uma rota comercial — relembrou o capitão. — Muitas embarcações navegam estas águas. Não presumais que há perigo só porque existem outros viajantes.

— Não presumo coisa alguma — disse Jun. — Espreitai pelo óculo e vereis que tenho motivos para estar apreensivo. Aqueles navios ostentam o estandarte vermelho da *madame* Ching. São caçadores enviados para nos chacinar ou nos levar de volta para Macau para sermos castigados de formas que prefiro nem imaginar.

Jun focou-se na embarcação mais próxima, e que continuava a aproximar-se. Era um barco maior do que o *Dragão*. Tinha quatro velas e um mastaréu da gávea com estandartes vermelhos como o sangue.

As outras embarcações da esquadra vinham mais atrás, demasiado longe para se ver pormenores, mas seguiam a mesma rota.

O capitão fez uma sugestão otimista.

— Consta que a *madame* Ching poupa a tripulação dos navios se o oficial entregar a carga sem dar luta.

Jun baixou o telescópio. De facto, Ching Shih criara um código de honra entre os seus piratas, mas tais considerações não se aplicariam no seu caso.

— O código dela não se aplicará a nós. Somos ladrões e traidores, não adversários honrados.

Não era preciso dizer mais. O tesouro que tinham na sua posse já fora pilhado pelos navios de *madame* Ching, mas, em vez de ser entregue ao coletivo e distribuído de forma justa, um capitão velhaco desviara uma grande parte. Vendera-o a Jun, afiançando-lhe que a verdade fora encoberta.

— O vosso amigo devia estar a precisar de dinheiro — disse o capitão.

Jun estremeceu ao pensar no destino do homem.

— Reter objetos saqueados constitui um crime punível com a morte — disse. — O roubo descarado… A decapitação seria o melhor destino que um homem poderia esperar. De certeza que o mataram, mas antes ele terá denunciado os nossos nomes.

— Não conseguiremos fugir — afirmou o capitão. — As embarcações deles são maiores e mais rápidas.

— Então, teremos de combater — disse Jun. — Temos canhões adquiridos à Companhia das Índias Orientais. Temos bestas e arcabuzes.

— Eles têm um contingente cinco vezes superior.

— Não podem atacar todos ao mesmo tempo — atalhou Jun. — Além de que as embarcações maiores não conseguirão atravessar o recife. Se

ficarmos aqui, terão de vir em pequenos barcos, esperando subir a bordo com recurso a escadas e arpéus de abordagem. A experiência diz-me que *grenadoes* e setas em chamas são bastante eficazes a esta distância.

O capitão fez uma expressão menos preocupada.

— Esperais dizimar um pequeno grupo de cada vez.

Jun assentiu com a cabeça. De facto, era a sua única esperança.

— Quando sofrerem baixas suficientes, deixar-nos-ão e regressarão a Macau, onde dirão à *madame* Ching que nós preferimos incendiar a embarcação a render-nos e enfrentar a morte.

O semblante do capitão era inescrutável. Pegou outra vez no telescópio e observou os navios de bandeiras vermelhas que viravam para a baía.

— Tendes o dom da palavra, mestre Jun. Quase me convencestes de que temos uma hipótese de sobrevivência.

Enquanto os homens a bordo do *Dragão* se preparavam para o combate, a frota de Ching Shih acercou-se do recife e recuou. Foram convocados pequenos barcos e a maior parte do contingente de cada embarcação preparou-se para zarpar.

Até ao momento, as previsões de Jun tinham-se concretizado, menos uma. Não havia circunstância alguma em que a pequena frota fosse regressar a Macau com uma história falsa para contar à sua soberana, pois *madame* Ching estava a bordo da maior embarcação e a sua fúria fora atiçada como uma fogueira.

Zheng Yi Sao, ou Ching Shih, como era conhecida, caminhou pelo convés defronte dos seus homens. Era uma mulher de estatura média, espadaúda e com um olhar penetrante, e continuava a ser bonita como quando fora desposada pelo senhor Cheng.

Juntos, haviam construído uma dinastia, acabando por controlar as cidades e as águas em redor de Macau com mão de ferro. Depois da morte de Cheng, Ching Shih assumira o controlo, ampliando ainda mais o império, fazendo aliados junto dos povos conquistados e criando a ordem a partir do caos.

Uma grande porção dessa ordem advinha do código que preconizara, o qual exigia um tratamento justo das tripulações, prisioneiros e concubinas. Castigava os oficiais que maltratavam os seus homens. Exigia uma punição célere e implacável contra todos aqueles que traíssem o bem comum da frota do pavilhão vermelho.

Com a implementação destas regras, tornou-se a efetiva regente de uma região em crescimento e a pirata mais temida e, por conseguinte, mais respeitada de toda a Ásia. Ninguém a roubava e vivia para contar a história. Caminhando com grandes passadas e esplendor pelo convés com uma reluzente túnica lilás e cinza, chamava a máxima atenção de todos os homens a bordo. Um lenço vermelho ornamentava-lhe o pescoço e tinha na cabeça um tricórnio preto. Os cem homens diante dela fizeram um silêncio absoluto enquanto ela subia os degraus para lhes falar.

— Estes traidores não me roubaram a mim — disse —, roubaram-vos a vós. — Deixou-os assimilar as suas palavras e depois fez uma pergunta: — Qual é a lei da pilhagem?

Os homens responderam em uníssono:

— Aquilo que é levado deve ser entregue. Deve ser por todos partilhado.

O seu orgulho crescia enquanto falava.

— E qual é a pena pelo roubo?

— O chicoteamento e a morte.

Ficou satisfeita. A sua frota era disciplinada. Os seus homens, um exército bem treinado. Ciente de que sofreriam pesadas baixas, fez uma promessa.

— Todos aqueles que combaterem receberão o seu quinhão a dobrar. Todos os feridos recebê-lo-ão a triplicar. Todos aqueles que morrerem hoje, granjearão a prosperidade da respetiva família até à geração seguinte.

Os homens ficaram imóveis, a atmosfera silenciosa e escaldante.

— E quem me trouxer o traidor com vida receberá riquezas que ultrapassam a imaginação de um imperador — concluiu.

Os homens gritaram, aclamando o nome dela repetidamente, preparados física e mentalmente para o combate.

— Ide — ordenou. — Recuperai aquilo que vos pertence.

Sessenta e quatro homens desceram as escadas para quatro botes. Outros oito barcos estavam a ser baixados dos outros navios de Ching. Em cada bote, metade da tripulação dedicava-se a remar enquanto a outra metade estava a postos para combater, com armas ou à espera para lançar escadas e arpéus de abordagem.

Jun observou a frota de pequenas embarcações atravessar o recife e rumar na direção dele sob a força dos braços dos remadores. Doze pequenas

embarcações, talvez cento e oitenta homens. Ele só tinha setenta e cinco, mas estava a bordo de um castelo flutuante.

— Vêm aí — gritou. — A postos!

Gritaram-se alertas da proa à popa. Os homens de Jun reuniram-se no convés do junco empunhando todos os tipos de armas. O primeiro grupo aproximou-se da amurada com bestas e mosquetes. Outros grupos posicionaram-se na retaguarda a postos para ocupar os seus lugares. Abriram fogo assim que as embarcações inimigas ficaram ao seu alcance.

Os mosquetes eram imprecisos a qualquer distância e, tirando o barulho e o fumo, eram sobretudo ineficazes. Por outro lado, as bestas eram letais. As setas da primeira salva trespassaram vários homens dos barcos que seguiam à frente. Vários remadores foram alvejados nas costas. Caíram inertes para a frente ou contorceram-se de dor. Dois homens que seguravam uma escada foram atingidos no peito e caíram ao mar.

No segundo barco, vários homens foram atingidos nas pernas e ficaram presos às tábuas de madeira por debaixo deles. A frota continuou a avançar enquanto guinchavam de agonia.

Depois de dizimados os homens dos primeiros barcos, os seguintes abriram fogo de longe, esperando obrigar os homens de Jun a recuar.

Jun agachou-se enquanto balas de mosquetes assobiavam por cima da sua cabeça, mas este fogo de resposta fazia mais barulho do que causava estragos. O balanço dos barcos e os disparos imprecisos das armas contribuíram para uma saraivada de chumbo que passou sem atingir um único homem da equipagem.

Salvas posteriores foram mais eficazes e, durante vários minutos, as tripulações trocaram disparos, verificando-se baixas de ambas as partes.

Foi uma guerra de desgaste, a qual os homens de Jun estavam a vencer, mas a cada segundo que passava, os homens de Ching Shih encontravam-se mais perto. Pouco depois, cercaram o *Dragão*, ficando metade dos pequenos barcos ao alcance do casco do junco.

— Estão a separar-se — gritou Jun. Vários barcos tinham remado para bombordo. — Tencionam atacar-nos de todos os lados. Os homens que dispersem.

Os defensores espalharam-se, tentando proteger, ao mesmo tempo, todas as secções do barco, enquanto a batalha era retomada.

— A nossa capacidade de concentrar o poder de fogo foi bastante comprometida — disse o capitão.

Jun pegou na sua pistola de pederneira e puxou o cão.

— Ainda têm de subir a bordo.

Essa tarefa já estava a concretizar-se. Arpéus de abordagem tinham sido lançados a bombordo, escadas frágeis posicionadas a estibordo.

— Façam-nos recuar — ordenou o capitão.

Os homens de Jun atacaram com machados, levantando-os e baixando-os com ferozes golpes. Os seus alvos não eram os homens, mas os arpéus e os cabos. Os ferozes golpes cortaram os cabos em dois e enterraram-se na amurada de madeira pintada do barco.

Do outro lado da embarcação, as escadas foram empurradas para trás com varas compridas até a gravidade se encarregar de fazer os homens que iam a subir cair ao mar.

Os piratas atacaram com fogo de cobertura por cima das cabeças, recorrendo a um bombardeamento de setas, balas e até lanças para impedir a descida dos homens de Jun. Por cada arpéu cortado e cada escada derrubada, Jun perdeu um defensor, ou dois, ou três. E os homens de Ching Shih não paravam de chegar.

Foram lançados mais arpéus e os primeiros invasores chegaram ao convés. Os atacantes eram homens mais pequenos, famosos pela rapidez com que eram capazes de trepar. Subiram pela lateral do casco verde-jade e saltaram a amurada, disparando pistolas e desferindo violentos golpes com espadas em tudo o que lhes aparecia à frente.

Esperando exatamente este tipo de ataque, e ciente de que a primeira vaga de homens treparia muitas vezes com os pés descalços para serem mais rápidos e terem melhor tração, Jun cobrira o convés de arame farpado para espetar as plantas dos pés dos homens que transpusessem a amurada.

Porém, Ching Shih conhecia todos os truques. Os homens dela foram calçados com botas grossas e o arame farpado de nada serviu para os abrandar. Avançaram com ímpeto, empunhando espadas curtas e punhais.

Jun alvejou um com a sua pistola, projetando o homem pelo chão do convés com um ferimento ensanguentado no peito. Uma besta derrubou o segundo inimigo e o capitão despachou um terceiro com um golpe de espada. Porém, outros estavam a subir por detrás dele. Os dois lados do barco encontravam-se agora em perigo, enquanto imensos homens de Ching Shih tinham subido a bordo perto da proa, que ficava mais perto da água e por isso era de mais fácil acesso.

Travou-se um combate corpo a corpo, em que era possível utilizar pistolas, mas não recarregá-las. Os mosquetes eram inúteis, a não ser que

fossem usados como armas contundentes para se defenderem de uma espada ou desferir golpes na cabeça dos atacantes.

Os homens de Jun foram obrigados a recuar de todos os lados, empurrados inevitavelmente para o interior desde a amurada e para trás para a popa mais elevada, onde fariam a sua derradeira defesa.

Foi lançada outra salva de flechas, diminuindo o número de atacantes, mas chegaram mais agressores pelos arpéus e escadas.

— Eles parecem dispostos a lutar até ao último homem — gritou o capitão.

Jun ficou em choque com isso, mas o capitão tinha razão. Era possível que estivessem vários barcos à deriva perto da popa sem ninguém a bordo a não ser os feridos ou os mortos.

— Formai duas linhas — gritou Jun.

A tripulação obedeceu, mas as linhas não aguentaram muito tempo. Os sobreviventes continuaram a recuar ainda mais, cedendo espaço nos conveses manchados de sangue.

Recuaram escadas acima até ao castelo de popa. Os sobreviventes eram menos de trinta homens e acercavam-se deles mais do dobro.

Os piratas de Ching Shih aglomeraram-se para um ataque final, subindo as escadas a correr e afluindo numa vaga. Avançaram num magote, uma muralha de homens e espadas. No derradeiro momento, Jun gritou uma ordem com todo o poder dos seus pulmões.

As suas forças espalharam-se para os flancos e saltaram para o convés, revelando quatro canhões e um número idêntico de arcabuzes prontos a disparar nos seus suportes. As armas não estavam viradas para defrontar um ataque vindo do mar, mas apontadas para o interior e para baixo. Tinham os canos direcionados para as escadas, agora apinhadas de piratas atacantes.

Os canhões dispararam com uma explosão ensurdecedora de pólvora negra. O estrondo foi suficientemente intenso para arremessar qualquer homem para o convés, mas a devastação foi provocada pelas munições que tinham no interior.

Os canos de furo liso estavam carregados de correntes, lâminas partidas e outros fragmentos de metal e vidro. Lançaram esta saraivada de estilhaços sobre o grupo de homens em avanço. Os estilhaços espalharam-se pelo ar, as correntes a chicotear num movimento circular, o vidro e o metal como uma centena de balas de mosquetes disparados ao mesmo tempo.

De um momento para o outro, a força atacante foi reduzida a metade.

Dos sobreviventes, metade ficou ferida. Até os que se mantiveram incólumes caíram, incrédulos.

De seguida, dispararam-se os canhões giratórios. Não tão mortíferos ou destrutivos, mas suficientemente eficazes para diminuir ainda mais as forças dos piratas.

— Acabem com eles — berrou Jun.

O capitão atacou com a sua espada. Os membros da equipagem sobreviventes atacaram com ele, desferindo golpes furiosos que cortaram e espetaram.

Jun ficou onde estava, deleitando-se com o seu golpe de mestre. Ao esperar para utilizar as suas armas mais poderosas até os soldados de *madame* Ching estarem aglomerados, chacinara a maioria deles de uma só vez.

Com o contra-ataque dos seus homens, os piratas de Ching foram obrigados a abandonar o barco, atirando-se por cima da amurada para a baía. Alguns nadaram para a segurança da ilha, outros para os barcos à deriva ou até para o recife ao longe.

Correndo para a amurada da popa, Jun apontou pelo meio do fumo para os barcos que levantavam âncora.

— Virem os canhões — ordenou. — Destruam os barcos para que não possam atacar outra vez.

Dois homens dedicaram-se a girar um canhão. Um terceiro tripulante encheu-o de pólvora e projéteis sólidos, mas antes de terem tempo de acender o rastilho, ouviu-se uma explosão ensurdecedora. A baía tremeu, um estrondo mais forte do que qualquer canhão, trovão ou outra coisa que Jun jamais ouvira ou sentira.

A onda de choque atirou-o ao convés, lançou vários homens ao mar e partiu um mastro ao meio. O próprio *Dragão* estremeceu, inclinando-se e quase se virando na baía.

De barriga para baixo sobre as tábuas de madeira, Jun sentiu uma onda de calor roçar-lhe a nuca. Uma vaga de ar quente queimou-lhe as narinas e secou-lhe os olhos. Rebolou, receando estar a arder e tentando livrar-se desesperadamente das chamas imaginárias.

Não estava a arder, apenas a ser atingido por ventos de cento e cinquenta graus e bombardeado por pequenas pedras que caíam do céu. Olhou para cima e viu o Sol desaparecer por detrás de uma nuvem negra.

Só então compreendeu. A montanha explodira, o seu terço superior pulverizado por uma explosão vulcânica. Era possível ver uma nuvem de cinzas em forma de cogumelo a investir para o ar. Pedregulhos do tamanho

de casas voaram pelo céu como pássaros. Árvores e arbustos, a maioria dos quais em chamas, levantaram voo com eles. Relâmpagos provocados por descargas de estática ondularam pelo turbilhão por cima das suas cabeças.

— Meu Deus — murmurou Jun.

Os combates pararam. A batalha deixara de importar; o tesouro deixara de ser importante. Um único pensamento ocupava todas as cabeças. Afastar-se da ilha ou morrer.

— Içar as velas — gritou Jun. — Largar a âncora.

Os homens meteram mãos à obra. Do outro lado do recife, as embarcações com estandartes vermelhos estavam a deixar os seus postos, abandonando os camaradas nos barcos a remos a uma morte certa.

Começaram a cair pedregulhos e pedras, levantando torres de água branca ao embater na baía, encharcando o barco e todos os que estavam a bordo. Largada a âncora e com as velas incólumes a apanhar o vento, o barco começou a avançar.

Começaram a cair cinzas à sua volta, deixando um manto de neve cinzenta no convés. Jun olhou para trás e percebeu que estavam vivos por sorte. A erupção concentrara-se no lado mais afastado da ilha. A força da explosão ocorrera para leste, para o exterior, para longe da baía. As cinzas e as pedras-pomes estavam a abranger uma área mais vasta, mas o sopro constante dos ventos alísios também empurrava essa nuvem para leste. Até o *Dragão* estava a ganhar velocidade mais depressa do que pensara ser possível.

— Talvez o *Dragão* ainda nos salve — disse Jun.

O capitão, ferido numa perna e a coxear, abanou a cabeça.

— A maré está a vazar — disse.

Jun olhou pelo meio das cinzas que caíam. Enormes corais assomavam da água como uma barricada de dentes a escorrer água. Começavam a ver-se extensões de areia, deixando charcos de água de permeio, cheios de peixes desesperados.

— O que está a acontecer? — perguntou Jun.

— A ilha está a subir — respondeu o capitão. — A erupção ainda não acabou.

A embarcação imobilizou-se dolorosamente, o madeiramento do casco a quebrar ao colidir com o recife.

Ficaram no que restava de água, afundando-se e inclinando-se para um lado como se estivessem a querenar o navio numa praia com a maré alta.

Sentiu-se outro tremor e os gases e a lava armazenados numa câmara por debaixo da ilha foram libertados de uma só vez.

O que sobejava do pico foi pulverizado. A terra por debaixo do barco colapsou e o mar voltou num influxo impetuoso. Nesse preciso instante, um fluxo piroclástico de fogo, cinzas e lamas desabou sobre o que restava da montanha. Os dois influxos colidiram com o barco a afundar-se, embatendo um no outro como duas gigantescas mãos, apagando o *Dragão de Seda* da vista e da História.

1

Cem milhas a nordeste de Taiwan
Atualidade

O *Canberra Swift*[1] vogava pela noite, rumo a norte, afastando-se de Taiwan. Era um cargueiro de média dimensão, com a faixa alta e um revestimento aerodinâmico a proteger a metade avançada do navio. A ponte de comando emergia deste revestimento perto do meio da embarcação, enquanto dois tubos de chaminés, inclinados para trás, se estendiam à popa.

Uma das principais revistas náuticas descrevia-o como um barco sem atrativos em termos náuticos, sugerindo que era o resultado do cruzamento entre um comboio de alta velocidade nipónico e um *ferryboat*, mas aquelas estranhas formas tinham um propósito.

O navio fora desenvolvido para transportar cargas de grande dimensão numa configuração que permitia o embarque e o desembarque de veículos, à semelhança dos *ferryboats*. A carga e o equipamento eram carregados pela popa com recurso a uma rampa suficientemente larga para acolher seis faixas de rodagem. Veículos e carga seriam estacionados ou armazenados no interior, num amplo porão que se estendia a todo o comprimento do convés principal, da proa à popa. Chegando ao destino, a carga era simplesmente conduzida para a frente e descarregada do navio por outra rampa.

Por causa da sua dimensão, formato e velocidade, o *Swift* fora utilizado para transportar todo o tipo de carga, desde secções de fuselagem de grandes aeronaves, a partes de foguetões, e até mesmo resíduos nucleares, que

[1] Em português, «Veloz de Camberra». (N. de T.)

eram levados em contentores selados, com revestimento de chumbo. Em caso de guerra, já estava comprometido, mediante um contrato de opção, para ser utilizado no transporte de equipamento militar de grande dimensão até bases próximas de qualquer zona de combate.

Tarefas como estas eram incumbidas ao *Swift*, não só porque fora desenvolvido para o transporte de cargas especiais, mas também porque — como o nome dava a entender — o *Swift* era um dos cargueiros mais velozes que alguma vez fora construído. Tinha uma velocidade máxima de quarenta nós e podia viajar a trinta e cinco nós o dia inteiro. Tinha capacidade para atravessar o Pacífico em sete dias, um terço do tempo necessário para um cargueiro médio.

Na ponte de comando, o capitão do *Swift* analisou o radar. Não havia embarcações por perto que representassem uma contrariedade.

— A todo o vapor — ordenou. — Aproxima-se uma tempestade pela costa do Canadá desde o Alasca e eu quero chegar primeiro à Baía de São Francisco.

O timoneiro confirmou a ordem e, utilizando o painel informático diante dele, pôs os motores de turbina a gás na potência máxima.

O capitão ficou satisfeito com a resposta da casa das máquinas.

— O navio fica sob o seu comando — disse ao primeiro-oficial. — Se precisar de mim, estarei no meu camarote.

O primeiro-oficial assentiu com a cabeça enquanto o capitão abandonava a ponte de comando. Esperando uma noite tranquila, sentou-se na cadeira de comando enquanto o *Swift* ganhava velocidade.

Agarrado ao exterior do navio com recurso a luvas e joelheiras magnéticas, Teng Kung-lu, conhecido pelos seus homens por Lucas, não gostou daquela velocidade adicional. A força eletromagnética que o segurava era considerável, mas toda a velocidade extra aumentava as rajadas de ar que ameaçavam arrancar os ímanes.

Aproximou-se mais do casco, fazendo os possíveis para impedir que o ar se metesse entre ele e o navio. Desviando a cara da direção do vento, olhou para o lado e para baixo. Os oito homens da sua equipa estavam a fazer como ele, colados ao barco como lapas. Estavam todos vestidos de preto, as pistolas-metralhadoras bem presas com abas de *velcro*. Conseguiu perceber a força que estavam a exercer com os braços e a tensão nos semblantes, pois esta parte do assalto começava a demorar mais do que o previsto.

Olhou para cima e contou os segundos até que, por fim, as luzes principais do navio se apagaram. Começara o terceiro turno. Com o polegar, acendeu uma luz de precisão na luva magnética da mão esquerda. Três pontos representavam uma ordem para recomeçarem a subida. Tinham de chegar ao cimo e subir a bordo antes que o vento os arrancasse do casco.

Com o polegar direito, premiu um botão ligado à luva comprida que lhe cingia o braço direito. Com isso, desativou a força do íman, o que lhe permitiu afastar a mão do casco e elevá-la. Esticando-se o máximo que conseguiu, largou o botão.

O eletroíman ativou-se imediatamente e o seu braço foi puxado para a chapa de aço, onde ficou preso na posição pretendida. Premindo um segundo botão, conseguiu puxar a perna direita para cima. De seguida, repetiu a operação do lado esquerdo, rastejando devagar, mas decidido, para uma escotilha que o esperava.

Os seus homens fizeram o mesmo, seguindo-o pela lateral acima. Uma fileira de formigas humanas, a aproximar-se do açúcar no interior do navio.

Quando chegou à escotilha, arriscou-se a libertar a mão esquerda o tempo suficiente para bater na placa de metal. Não aconteceu nada. Bateu com mais força, servindo-se da parte de metal da luva para produzir um estrondo metálico.

Desta vez ouviu alguma coisa, uma roda — a que por vezes chamavam *cão* — a rodar no interior. Graças a Deus, pensou Lucas.

A escotilha, com uma dimensão suficiente para posicionar uma prancha de embarque e carregar víveres, abriu-se para o interior. Assomou um tripulante com o uniforme da companhia de navegação. Tinha o cabelo escuro com um estranho risco grisalho ao centro. Olhou Lucas nos olhos e estendeu-lhe a mão enluvada.

Lucas agarrou-a, libertou os outros ímanes e foi puxado para dentro.

O tripulante recuou para a penumbra enquanto Lucas ajudava os seus homens a entrar pela escotilha para o abrigo do pequeno compartimento.

Tudo correu bem até ao último homem, que libertou os ímanes demasiado cedo, a perna escorregou-lhe e caiu.

Atirando-se para a frente, Lucas agarrou a correia da pistola-metralhadora. A arma encaixou debaixo do braço do homem e segurou-o, mesmo quando Lucas foi puxado para o convés e quase arrastado escotilha fora.

— Callum! — gritou Lucas. Apesar da etnia chinesa, os elementos do grupo tinham escolhido nomes ocidentais quando se juntaram.

Conheciam-se apenas por esse nome para que, no caso de serem capturados, não denunciarem os companheiros.

— Ativa os ímanes! — ordenou Lucas a gritar. — Utiliza os acopladores.

Ao perceber que Callum estava paralisado de pavor e receando que fosse puxado para fora, Lucas ativou o seu próprio sistema magnético e prendeu-se ao convés.

— Sobe por cima de mim — gritou. O homem olhou para cima. — Despacha-te — disse Lucas — antes que me arranques o braço da articulação. — Com vários dos outros homens agora a apinhar-se para ajudar, Callum puxou-se para cima servindo-se de Lucas como uma escada. Assim que conseguiram chegar até ele, os companheiros de Callum agarraram-no e puxaram-no para dentro.

Lucas relaxou e desativou os ímanes, afastando-se da borda. Callum estendeu-lhe a mão e ajudou-o a pôr-se de pé.

Esfregando o ombro e alongando-o, Lucas abeirou-se para mais perto de Callum.

— Que estupidez — disse, fulminando com o olhar o homem que quase caíra. — Se voltas a ser desleixado, deixo-te morrer.

Foram palavras duras, mas o homem sabia que isso não aconteceria. Lucas era o líder de uma irmandade, piratas que velavam pelos seus. Contrariando o famoso código dos piratas de antigamente, Lucas nunca deixara nenhum homem para trás.

Callum baixou a cabeça e desviou o olhar. Enquanto este recuava, Lucas virou-se para o homem que os deixara entrar.

— Estás atrasado.

— Não o consegui evitar — disse o tripulante. — O capitão ficou de vigia mais meia hora do que é habitual. Só agora se foi deitar.

Lucas assentiu com a cabeça.

— Devemos saber de mais alguma coisa?

O tripulante abanou a cabeça.

— Os sistemas de segurança estão desativados. Não deverão ter dificuldade em chegar à casa das máquinas ou à estação de comunicações.

— Ótimo — disse Lucas. Mandou três homens para a casa das máquinas e outros dois para o centro de comunicações, onde ficavam os recetores de satélite, os rádios multibanda e os comandos de vários faróis. Virou-se para o tripulante do *Swift* e fez uma alteração.

— Leva um dos meus homens e vai ao camarote do capitão. Acorda-o e trá-lo à minha presença.

— Pensei que querias que te levasse até à ponte de comando — retorquiu o tripulante.

— Encontrá-la-emos sozinhos.

Os vários grupos saíram do compartimento, seguindo em direções opostas. Lucas levou Callum com ele. Avançaram para a caixa de escada mais próxima.

Caminhando com toda a calma, Lucas levantou a aba de *velcro* que lhe cobria a barriga. Sem parar de caminhar, retirou a metralhadora *QCW-05* que tinha presa ao peito, na diagonal. Pô-la ao ombro e enroscou um compressor cilíndrico no cano.

As *QCW* de fabrico chinês disparavam uma salva subsónica de balas de aço endurecido de 5,8mm em vez de chumbo mole. Eram compactas e apropriadas para combate em recintos fechados. As balas tinham capacidade para perfurar chapas de aço de seis milímetros.

Lucas treinara os seus homens para as utilizarem letalmente, mas se tudo corresse conforme os planos, não teriam de disparar um único tiro.

Quando chegaram à ponte de comando, deram com o primeiro-oficial do *Swift* e dois tripulantes a manobrar o leme. Evitando a manobra teatral de entrar de rompante no compartimento a gritar ameaças, Lucas transpôs a soleira da porta sem fazer barulho e pigarreou para chamar a atenção dos outros.

A reação dos homens que estavam na ponte de comando foi glacial. O espanto coletivo ao aparecimento de homens armados com equipamento militar foi tão absoluto que estacaram, aturdidos.

— Deitem-se no chão — disse Lucas, calmamente — se não querem levar um balázio.

Os dois tripulantes fizeram o que lhes mandaram. O primeiro-oficial pareceu colado à cadeira. Por fim, falou.

— Temos dinheiro num cofre — disse, erguendo as mãos, levantando-se da cadeira e apoiando-se num joelho. — Não está fechado à chave.

— Pois claro que não — disse Lucas.

A ausência de resistência e o cofre aberto eram sinais do estado da pirataria moderna. Despontara um acordo tácito entre os vários piratas do mundo e as companhias de navegação cujas embarcações cruzavam os mares.

Os piratas subiam a bordo de embarcações sempre que podiam, geralmente em águas próximas da costa, perto de países pobres onde reinava a instabilidade. Em vez de levantarem resistência e correrem o risco de

morte e destruição, era frequente oficiais e tripulações esconderem-se em salas seguras, ou *castelos*, às quais os piratas não conseguiam aceder, mas que lhes dava tempo de vasculhar a embarcação à procura de dinheiro ou artigos valiosos. Os cofres eram deixados abertos com algum numerário. O suficiente para dar um lucro fácil aos piratas e um incentivo para abandonarem o navio o mais depressa possível. Por vezes, utilizavam-se telemóveis e computadores portáteis para aumentar o suborno, os quais eram deixados à vista para serem levados como se fossem bolachas para o Pai Natal.

O acordo era simples. Os piratas não feriam nem matavam as tripulações, não roubavam as cargas no valor de milhões, nem danificavam as embarcações e, em troca, as companhias não defendiam os seus barcos com guardas armados, ex-membros das forças especiais ou antigos agentes da Mossad.

O sistema assemelhava-se mais a um suborno ou a uma extorsão de proteção, mas na maioria das vezes resultava. A não ser nos casos em que isso não acontecia.

Enquanto olhava para o cano da arma, o primeiro-oficial percebeu que este seria um caso em que isso não aconteceria. Observou Lucas e os seus companheiros, analisando o seu vestuário e armas, e considerando o procedimento furtivo com que tinham subido a bordo.

— Não estão aqui pelo dinheiro, pois não? — disse.

Lucas ignorou a pergunta.

— Chama os outros oficiais à ponte — ordenou. — Não tentes alertá-los da nossa presença. Conhecemos as vossas palavras de código para ameaças à segurança.

O primeiro-oficial levantou-se devagar e aproximou-se da consola. Ativou o sistema de intercomunicação para toda a embarcação e fez a convocatória.

— Daqui fala o primeiro-oficial Crawford. Todos os oficiais devem comparecer na ponte de comando para um *briefing* geral. Temos novas ordens para analisar.

Enquanto o som da sua voz era transmitido pelo sistema sonoro do barco, Crawford lançou a Lucas um olhar de súplica.

— Tive de lhes indicar um motivo — disse, justificando as palavras adicionais.

Lucas assentiu.

— Pelo menos não mentiste.

2

Brisbane, Austrália

Jonathan Freeman estava sentado à mesa de comunicações da Canberra Shipping & Logistics nas primeiras horas da manhã australiana.

Fazia o turno da noite pela terceira semana seguida e as horas começavam a pesar. Bocejando e verificando um bloco de notas com mola, um peculiar reforço dos ecrãs de computador à frente dele, confirmou, pela terceira vez numa hora, que realizara todas as suas tarefas e só lhe restava esperar até às seis da manhã, quando os seus substitutos chegassem.

Tinha a esperança de que lhe levassem o pequeno-almoço. Bife e tarte de cogumelos com um cesto de pãezinhos com pedaços de fruta vinham mesmo a calhar.

— Lá estás tu outra vez — disse com os seus botões. — Agora, estás com fome.

À procura de alguma coisa que ajudasse a não pensar no pequeno-almoço, olhou de relance para o monitor que seguia as embarcações da empresa através do seu SIA, o Sistema de Identificação Automática. Em diferentes ecrãs, conseguia vê-los a navegar pelos vários mares do mundo, a fazer exatamente aquilo que era suposto. Todos, percebeu, menos um.

Tocou no ecrã e ampliou o Pacífico Ocidental, onde aquilo que fora uma linha verde era agora uma luz amarela intermitente.

— O que se passa aqui? — Tocou outra vez no ecrã e verificou a informação de identificação do navio. — É o *Canberra Swift* — disse. — Não vais lá muito veloz, pois não?

As informações no ecrã revelavam que o navio estava a diminuir a

velocidade anterior de trinta e cinco nós para menos de dez e continuava a diminuir. Freeman viu-o baixar para 9,2 nós e manter essa velocidade.

Empurrando com os dois pés a cadeira de rodinhas, deslizou para a direita e parou defronte da estação de comunicações via satélite. Tratando-se essencialmente de um computador secundário, tocou neste ecrã para o ativar e marcou o prefixo correto para contactar o *Swift*.

— *Canberra Swift*, *Canberra Swift* — disse. — Daqui fala das Operações, está tudo bem?

Falou para um fino microfone de plástico branco.

— *Daqui fala o primeiro-oficial Crawford* — respondeu uma voz nos altifalantes. — *Pode falar, Operações.*

— Temos indicação de que estão a abrandar. O gráfico indica uma velocidade de 9,2 nós. Aconteceu alguma coisa?

— *O gráfico está correto* — informou a voz. — *Tivemos um problema no sistema de pressurização de combustível da turbina a gás. Estamos a navegar com a reserva a gasóleo. Os técnicos estão a tratar do assunto. Informaram-me de que o motor principal deverá estar a funcionar dentro da normalidade dentro de cerca de uma hora.*

Freeman ficava sempre maravilhado com a calma dos vários capitães e tripulações. No mês anterior, ajudara a orientar uma embarcação no meio de uma tempestade de Força 5, associada a ondas que desabavam sobre o convés e problemas com o leme. A julgar pelo tom do capitão, mais parecera um pequeno incómodo.

— Vou tomar nota — disse Freeman, anotando a informação. — Precisam que alerte São Francisco para corrigir a hora de chegada prevista?

— *Negativo, Operações. Assim que o problema estiver corrigido, compensaremos o tempo perdido.*

Freeman escreveu a indicação no seu bloco de notas e anotou a hora.

— Confirmado — disse. — Avisem se houver mudança de planos.

O primeiro-oficial despediu-se educadamente e Freeman rolou a cadeira para a consola do computador principal, onde escreveu os pormenores da conversa.

Ainda estava no seu posto uma hora mais tarde quando o sinal do *Canberra Swift* desapareceu do ecrã.

Nesse mesmo instante, a oito mil milhas de distância, o capitão do cargueiro sul-coreano *Yeongju* estava a fazer uma pausa a bombordo da ponte de

comando do seu barco. Viajante que já correra o mundo, preferia cigarros indonésios pelo seu sabor intenso e estava a fumar lenta e metodicamente, tirando o máximo prazer do seu vício de eleição e passando o máximo de tempo possível.

Deu uma última baforada e atirou a ponta do cigarro com um piparote por cima da amurada, lançando-a para a noite. A beata mostrou um brilho mais intenso por instantes com a investida do vento, mas depois extinguiu-se como um archote ardido.

Estava para expelir o fumo quando dois lampejos de luz iluminaram o horizonte a norte. Não ouviu barulho algum e as luzes eram intensas. Tinham uma estranha tonalidade branca-azulada.

Não cintilaram nem diminuíram de intensidade. Tão-só apareceram e desapareceram de repente.

O capitão ficou imenso tempo a olhar fixamente, ciente de que o lampejo tivera uma intensidade suficiente para o deixar a ver pontos verdes. Sentindo uma vaga de pressão no peito, percebeu que estivera a reter a respiração. Expirou uma nuvem de fumo e depois voltou para dentro.

— Condições climatéricas dignas de nota? — perguntou ao timoneiro.

— Não, senhor — respondeu de pronto o tripulante. — Nada até amanhã à tarde.

Curioso, pensou. Talvez fosse um relâmpago silencioso. Às vezes, a natureza tinha destas coisas.

— Faça uma entrada no registo — disse. — Lampejo duplo intenso a norte da nossa posição. Distância desconhecida. Origem desconhecida.

3

M.V. Canberra Swift

Na ponte de comando do barco às escuras, Lucas Teng contou os minutos. Era mais fácil do que contar as horas. Tinham passado duzentos e trinta e um minutos desde que haviam tomado o barco de assalto.

Cento e setenta desde que tinham apagado as luzes e mudado de rota. Mais cem e estaria na posição para o encontro e para receber o maior provento da sua vida.

Vinte milhões de dólares, divididos entre ele e os seus homens. Depois de despesas, subornos e compensações a funcionários da empresa de navegação que lhe tinham fornecido informações privilegiadas, continuava a ser mais do que suficiente para se deixar da atividade criminosa.

O que faria então? Viver um pouco. E gastar o dinheiro depressa. Conhecia-se suficientemente bem para saber que era a emoção da caçada que o atraía, ainda mais do que o dinheiro. Porém, as duas tentações fá-lo-iam regressar. Poderia demorar um ou dois anos, o dinheiro esgotar-se-ia, a vida tornar-se-ia monótona. Mas de uma forma ou de outra, ele voltaria a planear outro trabalho.

Olhou outra vez para o relógio e viu que o mostrador diminuíra um número. Faltavam noventa minutos. Chegara a hora de percorrer o barco.

— Mantém tudo sob controlo — disse para Callum. — Muda os vigias de vinte em vinte minutos. Não quero que os rapazes fiquem cansados.

Um dos homens estava ao leme; outros dois encontravam-se nas alas da ponte de comando, a perscrutar o horizonte com binóculos de visão noturna. O mar estava calmo e quase não havia vento, mas viajar à velocidade

máxima significava que a rajada resultante uivava pela embarcação. Depois de desativar todos os sistemas que emitiam luz ou ondas de rádio (até mesmo o radar meteorológico e o sistema de aviso anticolisão), fora necessário destacar uma dupla de vigias à moda antiga. A última coisa que Lucas queria era cruzar-se com outro barco.

Lucas pegou num rádio e segurou-o para Callum ver.

— Regressarei dentro de quinze minutos. Avisa-me se acontecer alguma coisa.

Lucas saiu da ponte de comando e caminhou pelo barco deserto até ao porão de carga. Tinha o cartão magnético do capitão, uma lista de códigos e um manifesto de carga. Quando chegou ao porão principal, entrou para um amplo espaço que mais parecia um armazém ou um hangar.

Caminhou pelo meio da carga de grande dimensão até chegar a uma parede temporária que fora colocada no centro do porão. A fina parede de aço destinava-se a proteger a carga mais valiosa do navio caso as condições climatéricas fossem adversas ou se alguma coisa se soltasse.

Lucas verificou o manifesto e o número de código que lhe tinham revelado e encostou o cartão do capitão ao leitor. O dispositivo mostrou uma luz cor-de-rosa. Inseriu o código no teclado. A luz cor-de-rosa ficou verde e a fechadura eletrónica abriu.

Lucas abriu a escotilha e transpôs a soleira elevada. Uma porção de luzes acenderam-se por cima dele, iluminando o espaço com uma fluorescência estéril.

O porão não se parecia nada com o de um navio mercante normal. As paredes eram de plástico branco, coçado em certos pontos, mas reluzente e a refletir as luzes do teto.

Grandes prateleiras no interior continham um grupo de compridos cilindros octogonais. Lucas acercou-se do primeiro e viu uma inscrição.

HIDRO-COM CORP.

VETOR 1-001-04

Advertência: Contentor pressurizado com nitrogénio

a 5 atmosferas.

Despressurizar antes de abrir.

— Com que então, é isto que o Emmerson quer — disse entre dentes. — Estava à espera de armas ou urânio. Isto é muito mais agradável.

— E rentável — disse uma voz nas suas costas.

Lucas rodou sobre os calcanhares. Viu um vulto na soleira da porta. Era o tripulante que os deixara entrar no barco. Empunhava uma pistola.

— O que estás a fazer aqui? — perguntou Lucas. — Devias estar com o resto da tripulação, fingindo-te de prisioneiro.

O homem apontou a pistola a Lucas.

— Fartei-me de fingir — disse. — Por isso, libertei-me e matei-os a todos.

Esperando o mesmo tratamento, Lucas mergulhou para o lado, tentando proteger-se atrás da caixa do servidor.

O homem não tardou a premir o gatilho, disparando vários tiros. Dois passaram ao lado, um acertou no servidor, mas o quarto apanhou Lucas na barriga da perna, rasgando o músculo e estilhaçando-lhe a tíbia.

Uivou de dor ao cair ao chão, mas precipitou-se atabalhoadamente para a frente tentando salvar-se.

— Devias ter trazido a arma — disse o homem, caminhando devagar. — Mas calculo que tenhas pensado que não precisarias dela.

Agora, Lucas estava a gatinhar, arrastando a perna ferida e deixando um rasto de sangue vermelho pelo chão de plástico branco.

Tirou o rádio do cinto e pediu ajuda.

— Cal — chamou. — Preciso de ajuda. Fomos traídos.

Libertou o botão para falar e ficou à espera de uma resposta, mas só ouviu silêncio e o barulho de passos leves por detrás das unidades do servidor. Carregou outra vez no botão para falar.

— Callum?

— Teria sido boa ideia familiarizares-te com o barco antes de subires a bordo — disse o seu perseguidor. — Sabes, este porão é um oásis temporário para estas máquinas, desenvolvido para as proteger de qualquer forma de radiação eletromagnética. Não podem entrar ou sair ondas de rádio, o que significa que o teu pedido de ajuda ficou aqui preso, tal como tu. — Lucas continuou a rastejar, agachando-se atrás de outro servidor, enquanto o homem aparecia no extremo oposto e fazia outro disparo. A bala acertou abaixo do joelho de Lucas, provocando-lhe mais dor na perna ferida.

Lucas encostou-se à parede e rasgou uma tira das calças, começando pela perna alvejada pela primeira bala. Viu a gravidade do ferimento na

tíbia. Músculo à vista e fratura exposta. Mesmo que sobrevivesse, o mais certo era ter de ser amputado.

Fez um torniquete a meio da coxa, apertando-o o melhor que conseguiu.

— Tu não fazes parte da tripulação — gritou. — Para quem trabalhas?

— Lamento, mas nunca o saberás.

Ecoou outro disparo. A bala deixou um buraco na parede.

— És um homem morto — gritou Lucas, passando pelo meio de dois servidores e avançando muito devagar. — Mesmo que os meus homens não te matem, o Emmerson não te deixará em paz.

— O Emmerson nunca me encontrará — disse o homem, parecendo mais distante. — Mesmo que encontre, de certeza que viverei mais do que tu.

Agora, a voz parecia distante. Um pouco depois, Lucas percebeu porquê quando ouviu a escotilha a fechar. Obrigou-se a olhar. Estava fechada e trancada. Fora trancado no interior do porão.

Segundos mais tarde, um ruído surdo e prolongado fez tremer o casco. Chegou em irrupções, vindas da popa.

Lucas reconheceu o padrão de explosões consecutivas, a fazer lembrar o método utilizado na demolição de grandes edifícios.

Enquanto tentava compreender a lógica por detrás desta última surpresa, os alarmes dispararam. O barco estava a meter água.

O casco fora aberto com explosivos a todo o comprimento ao nível da água. O homem que o alvejara estava a afundar o navio. Lucas não conseguia imaginar porquê, mas quando o navio começou a inclinar, teve a certeza de que iria ao fundo.

Saindo do seu esconderijo, arrastou-se até à escotilha, que não se mexeu, nem mesmo quando puxou com toda a força.

Tentou o rádio outra vez.

— Callum — chamou. — Callum.

A água começou a verter por minúsculas frinchas nas laterais da escotilha e a escorrer pelo buraco da bala na parede.

A água tinha de estar a subir depressa se já estava a sessenta centímetros do lado de fora do compartimento.

Fazendo um esforço para se apoiar na perna boa, Lucas atirou-se contra a porta, mas de nada adiantou. Agarrou o puxador ao cair para trás, puxando com toda a força e com a esperança de que a água do lado de fora ajudasse a pressionar a porta para dentro. O trinco não cedeu, por isso puxou outra vez.

A porta rangeu e o caixilho dobrou para dentro. Cederam os dois ao mesmo tempo.

Lucas lançou-se para o lado, tentando escapar, mas o influxo de água apanhou-o quando entrou pela abertura. Os pés perderam o contacto com o chão e ele foi levado como um pedaço de madeira à deriva apanhado pelo rebentamento de uma onda.

Embateu na parede mais afastada e foi arrastado por todo o comprimento da sala. Um redemoinho de água no extremo oposto puxou-o para baixo e empurrou-o outra vez até à tona. Ofegando, desesperado por ar quando veio ao de cima, agarrou-se à estrutura de metal que protegia um dos servidores. Conseguiu segurar-se bem e puxou-se para cima, passando os dois braços e pernas em redor como se estivesse dependurado numa árvore.

Agora, o navio estava a inclinar-se visivelmente para trás. A popa fora a primeira a ser rebentada. O navio iria afundar-se com a proa no ar.

Lucas puxou-se mais para cima conforme mais água entrava para o porão, mas sabia que era uma batalha perdida. Tinha a esperança de que o espaço chegasse a um ponto de equilíbrio e isso lhe permitisse nadar para o exterior, mas consoante o nível da água subia, as suas forças diminuíam.

Um estrondo metálico retumbante ecoou atrás dele quando alguma máquina ou carga mal amarrada se soltou e colidiu com a parede contígua.

Segundos mais tarde, as luzes tremularam e apagaram-se.

Lucas sentiu o frio a chegar-lhe aos ossos. Já não conseguia manter-se acima do nível da água. Já não tinha a esperança de conseguir nadar até ao convés seguinte e arranjar maneira de sair do barco.

Agarrou-se à estrutura em redor do servidor, a perder a sensibilidade nos dedos, as ideias num turbilhão, interrogando-se quem o vencera, quem o traíra. E depois, como não queria que esses fossem os seus derradeiros pensamentos, concentrou-se em coisas melhores, na sua mulher e nos filhos, que nunca mais veria por causa da vida que escolhera, mas algures em segurança e quentes num mundo muito diferente do seu.

Perdeu a força nos braços, escorregou da estrutura e foi ao fundo. Nas trevas, reparou em duas fontes de luz. A primeira era o mostrador desfocado do seu relógio de pulso, ainda numa contagem decrescente dos minutos até ao sucesso. A segunda era o brilho dos painéis da caixa octogonal do servidor à sua frente. Apesar do caos, do tiroteio e da inundação de água gelada, a máquina continuava a funcionar.